

# ALTOS VOOS

As suas aquarelas e acrílicos saem belas e rigorosas. **DIANA MARQUES** conseguiu juntar duas paixões, a arte e a ciência, quando descobriu a ilustração científica. Que já a levou aos Estados Unidos e à Austrália

Texto | CÉLIA PEDROSO

Foto | BIANCA BERNARD

**P**ara Diana Marques foi um drama perceber se deveria ir para Artes ou Ciências. A solução foi inscrever-se quando estava no 11º ano (área de Ciências) na Sociedade Nacional de Belas Artes. É que, ao escolher Ciências no secundário, deixou de ter desenho. E este complemento ajudou-a a manter-se ligada às artes.

Entretanto, entrou para Biologia, na Faculdade de Ciências de Lisboa. “Na Universidade tive uma aula do Prof. Pedro Salgado – uma referência nesta área – e percebi que era isto que eu queria fazer: ilustração científica”.

Quando se licenciou em Biologia Aplicada aos Recursos Animais Terrestres, fez um estágio com insectos, em cigarras. Depois, continuou a estudar Ilustração Científica: esteve um ano na UAL, de novo com Pedro Salgado.

Seguiu-se uma pós-graduação na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, de Setembro de 2003 a Junho de 2004, através de uma bolsa do Serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian e da FLAD.

“Foi uma experiência muito difícil”, admite Diana. “Nem nunca tive tempo para me sentar a ler um livro e só fui ao cinema duas ou três vezes”. Não era a carga horária, mas os trabalhos que lhe ocupavam todo o tempo. Mas valeu a pena: “Aprendesse imenso, trabalhei com técnicas que nunca tinha experimentado”.

Apesar do trabalho de grande importância que o ilustrador científico desempenha, Diana conta-nos numa fugaz passagem por Lisboa, entre a Austrália e Nova Iorque, que ainda exis-

te um grupo pequeno de pessoas a fazer este trabalho.

## Tecnologia

Programas informáticos como o Photoshop ou Illustrator servem de ferramenta ao ilustrador. Mas Diana faz sempre o primeiro esboço à mão e só depois digitaliza. Muitos dos seus trabalhos foram feitos em acrílico, aquarela ou guache.

Por vezes, quando o trabalho exige, constrói modelos tridimensionais, como o que fez na Califórnia para as lagartas processionárias – não existem nos EUA – com plasticina.

“O rigor, a fidelidade, tem tudo a ver com a Ciência, mas há muitas decisões que se prendem com a sensibilidade artística”, explica Diana. Por isso, é difícil de dizer se é mais artista ou cientista: “Sempre pensei mais em mim como bióloga”.

Depois do ano na Universidade da Califórnia, conseguiu obter um estágio de dois meses no Queensland Museum, em Brisbane, na Austrália. “Senti uma responsabilidade muito grande até porque tive oportunidade de desenhar uma nova espécie de caranguejos, capturados no Mar de Tímore”. Chegada na sexta-feira da Austrália seguiu anteontem para Nova Iorque, onde vai fazer um segundo estágio de três meses no American Museum of Natural History.

No seu trabalho, Diana faz tudo para ser o mais fidedigno possível: fotografa, lê, vai a museus, observa directamente. E uma das suas ilustrações já está na revista de San Francisco “Bay Nature”. O seu futuro está em aberto mas encara a hipótese de ficar free-lancer e de trabalhar também como designer. \*

# ARTE científica

BIANCA BERNARD



Diana com duas ilustrações em acrílico